

Emerson Kapaz*

O alerta que vem dos números

Cinco em cada dez novos empregos na capital de São Paulo são informais

Um dos grandes nós para a retomada do desenvolvimento brasileiro é, sem dúvida, a expansão da economia informal. Um estudo do secretário de Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade da Prefeitura de São Paulo, Márcio Pochmann, agora divulgado, conclui que cinco em cada dez novos empregos na capital são informais.

Isto é, gente sem carteira assinada que ganha até R\$ 780 e se sente, obviamente, insegura e sem horizontes de ascensão.

É uma dura realidade. O quadro de adversidades se torna ainda mais inquietante quando se constata que a porta de entrada no mercado de trabalho é cada vez mais estreita para os jovens.

A julgar por uma pesquisa feita pelo Ministério do Trabalho há pouco mais de um ano, a população com idade entre 16 e 24 anos corresponde a 44% da totalidade da massa de desempregados.

Curiosamente, as estatísticas de crescimento da economia estão melhorando. O desafio é como superar a insegurança quanto ao futuro.

Keynes afirmava que as decisões de investimentos do empresariado dependem diretamente do maior ou menor grau de incerteza.

Para que o País venha a investir a longo prazo e, assim, criar as bases para o crescimento continuado, é indispensável que os juros caiam, que

os impostos recuem em relação ao PIB, que a burocracia deixe de ser uma barreira cotidiana, entre outros.

São correções de rumo que em muito contribuiriam para dar segurança ao investidor. Como isso não tem acontecido, continua-se vulnerável à perda

de competitividade, como registra agora estudo do Fórum Econômico Mundial, que desloca o Brasil da 54ª para a 57ª posição no ranking mundial. Em relação ao empresariado, também andamos para trás. Saímos do 34º para o 37º lugar.

É preocupante. Principalmente por causa das razões do recuo, alinhadas na pesquisa: carga tributária, a intrincada malha burocrática, dificuldades de acesso ao capital, deficiências da infra-estrutura e corrupção. Chega a ser irônico. Estamos perdendo posições em todos os campos onde deveríamos ser fortes: na tecnologia, na educação, na confiabilidade das instituições públicas.

Tudo isso precisa mudar. A idéia de que o cidadão deve servir ao Estado sem as necessárias contrapartidas não encontra sustentação no mundo real. Uma breve análise do Estado brasileiro demonstra que tudo é feito para dificultar e não para liberar energias cria-

doras. Há quem teime em insistir que as limitações ao desenvolvimento vêm só do exterior. Consequência da hostilidade dos organismos internacionais. Consequência da dívida externa ou da política de subsídios dos concorrentes.

São pontos importantes,

A porta de entrada no mercado de trabalho é cada vez mais estreita para os jovens

mas é urgente mudarmos aquilo que depende de nós mesmos. A verdade é que ainda não encontramos o caminho de como harmonizar crescimento com inclusão social. Em 1995

éramos a 7ª economia do planeta. Agora, somos a 15ª. Caímos oito pontos no ranking. No mesmo período, os chamados países emergentes cresceram 6%, em média, ao ano. O Brasil apenas 2,4%.

Um estudo recente da Fundação Getúlio Vargas mostrou que cresceu o número de pessoas que não ganham o suficiente para comer. São mais de 48 milhões de brasileiros na miséria.

É esse contingente que se torna presa fácil da informalidade. Reduzi-lo será decisivo para ampliar a oferta de trabalhos com carteira assinada, primeiro passo de uma longa caminhada para a diminuição da concorrência desleal.

* Presidente do Instituto Brasileiro de Ética Concorrencial.